

Cátia Bruno

Um Espião no Kremlin

Intrigas, traições e mentiras:
A ascensão e a conquista do poder de Vladimir Putin

**OFICINA
DO LIVRO**

Título original: *Um Espião no Kremlin*
Cátia Bruno e Oficina do Livro © 2024

Edição: Francisco Camacho
Capa: Rui Garrido
Revisão: Leonor Santos
Paginação: Leya
em caracteres Sabon, corpo 11,5
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas Lda.

1.^a edição: fevereiro de 2024
ISBN:978-989-661-970-1
Depósito legal: 525 726/23

Oficina do Livro
uma chancela LeYa, S.A.
Rua Cidade de Córdoba, 2
2610-038 Alfragide
Tel.: 214 272 200, Fax: 214 717 737

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

ÍNDICE

LISTA DE PERSONAGENS	9
PRÓLOGO	
O INÍCIO DA OPERAÇÃO ESPECIAL.....	17
CAPÍTULO 1	
MOSCOVO ESTÁ EM SILÊNCIO	25
CAPÍTULO 2	
UM SUCESSOR IMPROVÁVEL	33
CAPÍTULO 3	
DANOS COLATERAIS	39
CAPÍTULO 4	
CHEGAR À LUA – E DEPOIS CAIR	45
CAPÍTULO 5	
UM TRAIADOR É PIOR DO QUE UM INIMIGO.....	53
CAPÍTULO 6	
2003, O ANO DE VIRAGEM	61
CAPÍTULO 7	
DE ARRUACEIRO A PIONEIRO	69
CAPÍTULO 8	
O GANGUE DO DINHEIRO (PARTE 1).....	75

CAPÍTULO 9	
O GANGUE DO DINHEIRO (PARTE 2)	85
CAPÍTULO 10	
SEGREDOS DE FAMÍLIA	97
CAPÍTULO 11	
A SÍNDROME SARKOZY	105
CAPÍTULO 12	
«DIZ-ME COM QUEM ANDAS»	113
CAPÍTULO 13	
LESHA E DIMA	121
CAPÍTULO 14	
PUTIN IMPÕE PUTIN	131
CAPÍTULO 15	
UM JOVEM LOBO A PRECISAR DE ABRIGO	141
CAPÍTULO 16	
O PODER DE UM LÁZARO.....	149
CAPÍTULO 17	
O CLUBE DE COMBATE.....	157
CAPÍTULO 18	
UM NOVO BEREZOVSKY E O PUTIN DE SEMPRE	163
EPÍLOGO	
O FIM DA OPERAÇÃO ESPECIAL.....	169
FONTES.....	173

LISTA DE PERSONAGENS



Alexander Bortnikov: diretor do Serviço Federal de Segurança (FSB), antigo protegido do antecessor Nikolai Patrushev. Conheceu Vladimir Putin no KGB em Leningrado, algures na década de 80. © Kremlin.ru



Alexander Litvinenko (Sasha): antigo agente do FSB envenenado em Londres, em 2006. Conheceu Vladimir Putin quando este era diretor das secretas, em 1998. © DR



Alexei Kudrin (Lesha): ex-ministro das Finanças responsável pela transição de Putin de São Petersburgo para Moscovo. Conheceram-se quando ambos trabalhavam na Câmara de São Petersburgo, como vices de Anatoly Sobchak. © Kremlin.ru



Alexei Navalny: opositor político, vítima de tentativa de envenenamento em 2020 e preso em 2021. © Michał Siergiejevicz



Alina Kabaeva: ginasta campeã mundial da Rússia. Companheira de Vladimir Putin desde meados dos anos 2000 e mãe de dois dos seus filhos, menores, de identidade desconhecida. © Tatars-tan.ru



Anatoly Chubais: vice-primeiro-ministro da Rússia de 1994 a 1998. Criador do polémico programa de privatizações «empréstimos-por-ações». © Митя Алешковский



Anatoly Rakhlin: antigo treinador de judo e sambo do clube Trud, onde orientou Putin quando este era adolescente. Mantiveram o contacto desde então. © DR



Anatoly Sobchak: presidente da Câmara de Lenigrado e depois São Petersburgo de 1990 a 1996. Convidou Putin para seu vice-presidente. © Leo Medvedev/Лев Леонидович Медведев



Andrei Lugovoi: agente do FSB acusado pelo Reino Unido de ser um dos autores do assassinio de Alexander Litvinenko. © Duma.gov.ru



Anna Politkovskaya: jornalista responsável por várias investigações a crimes na Chechénia. Foi morta a tiro à porta de casa em 2006. © NoJin



Arkady Rotenberg: empresário com vários contratos públicos. Amigo de infância de Putin.

© Kremlin.ru



Boris Berezovsky: oligarca próximo de Ieltsin, dono da Logovaz e da estação de televisão ORT. Exilou-se em Londres depois de Putin abrir uma investigação contra si, na sequência da cobertura do submarino *Kursk*. © DR



Boris Ieltsin: presidente da Federação Russa de 1991 a 1999. Escolheu Putin como primeiro-ministro e candidato à sucessão. © Kremlin.ru



Boris Nemtsov: antigo ministro de Yeltsin, tornou-se membro da oposição a Putin ao longo dos anos 2000. Foi morto a tiro em 2015.

© Dhārmikatva



Dmitry Kovtun: agente do FSB acusado pelo Reino Unido de ser um dos autores do assassinio de Alexander Litvinenko. © DR



Dmitry Medvedev (Dima): presidente da Rússia entre 2008 e 2012, primeiro-ministro nos oito anos seguintes. Antigo colega de Putin na Câmara de São Petersburgo. © Duma.gov.ru



Gennady Timchenko: empresário na área do petróleo e do gás, dono da Gunvor. Amigo pessoal de Vladimir Putin. © Kremlin.ru



Igor Sechin: diretor da petrolífera Rosneft, antigo vice-primeiro-ministro de 2008 a 2012. Foi durante anos o secretário pessoal de Putin. © Kremlin.ru



Ilya Traber: líder do grupo mafioso Tambov, conhecido como «O Antiquário». Recebeu vários contratos públicos em São Petersburgo assinados por Putin, com quem alegadamente mantém uma relação pessoal. © DR



Katerina Tikhonova (Katya): segunda filha de Vladimir Putin, nascida em 1986. É investigadora na área de Estudos Asiáticos. © DR



Kirill Shamalov: primeiro marido de Katerina Tikhonova e filho de Nikolai Shamalov, amigo pessoal de Putin e membro da Cooperativa Ozero. © DR



Luisa Rozova: filha não reconhecida de Vladimir Putin com Svetlana Krivonogikh, nascida em 2003. © DR



Lyudmila Putina: ex-mulher de Putin, com quem esteve casada de 1983 a 2013. © Kremlin.ru



Maria Vorontsova (Masha): filha mais velha de Vladimir Putin, nascida em 1985. É pediatra na área de endocrinologia. © DR



Mikhail Khodorkovsky: ex-dono da petrolífera Yukos. Foi condenado a dez anos de prisão em 2003. © Elena Ternovaja



Nikolai Patrushev: líder do Conselho de Segurança, principal órgão de aconselhamento do presidente, e antigo diretor do FSB. Conheceu Putin no KGB em Leningrado. © Kremlin.ru



Petr Kolbin: amigo de infância de Putin e empresário com negócios com Gennady Timchenko. Morreu em 2018. © DR



Ramzan Kadyrov: presidente da Chechênia e líder da milícia cujos membros são conhecidos como «Kadoryvites». Suspeito de envolvimento nas mortes de Anna Politkovskaya e Boris Nemtsov. © Kremlin.ru



Roman Abramovich: empresário e antigo dono do clube de futebol Chelsea. Conheceu Putin na década de 90, quando era próximo de Boris Ieltsin e da sua família. © Marina Lystseva



Roman Tsepov: dono da empresa de segurança Baltik-Eskort e sócio do guarda-costas de Putin, Viktor Zolotov. Conhecido como «o Produtor». Morreu em 2004, com suspeitas de envenenamento. © DR



Sergei Ivanov: antigo ministro da Defesa, vice-primeiro-ministro e chefe de gabinete de Vladimir Putin. Foi responsável pelas ligações com os Estados Unidos durante a primeira década dos anos 2000. © Kremlin.ru



Sergei Roldugin: violoncelista, amigo de juventude de Vladimir Putin. Tem participações no Bank Rossiya e outras empresas, reveladas pelos Panama Papers. © Mil.ru



Sergei Stepashin: primeiro-ministro do governo de Boris Ieltsin entre maio e dezembro de 1999. © Duma.gov.ru



Svetlana Krivonogikh: antiga amante de Vladimir Putin e mãe da sua filha Luisa Rozova. © DR



Tatiana Dyachenko: filha de Boris Ieltsin, conhecida pelo seu envolvimento político no governo do pai. Amiga próxima de Boris Berezovsky e Roman Abramovich. © DR

Viktor Borisenko: amigo de infância de Vladimir Putin.



Viktor Zolotov: diretor da Guarda Nacional. Guarda-costas de Putin desde a década de 90, conhecido como «A Sombra de Putin». © Kremlin.ru

Vladimir Gusinsky: empresário do cobre que enriqueceu na década de 90 e fundador da primeira televisão privada da Rússia, a NTV. Foi judicialmente acusado e fugiu para Espanha. Vive atualmente em Israel.



Vladimir Kara-Murza: opositor político de Putin, foi duas vezes envenenado em 2015 e 2017. Foi condenado a uma pena de 25 anos de prisão em 2023. © NoJin



Vladimir Putin (Volodya): presidente da Rússia de 2000 a 2008, primeiro-ministro de 2008 a 2012 e novamente presidente desde então. Antes fora agente do KGB, vice-presidente da Câmara de São Petersburgo, diretor do FSB e primeiro-ministro do governo de Boris Ieltsin. © Kremlin.ru



Vladimir Yakunin: antigo agente do KGB em Nova Iorque, chefe da empresa pública dos caminhos-de-ferro de 2005 a 2015. Amigo pessoal de Putin e membro da Cooperativa Ozero. © Юрий Головин



Yevgeny Prigozhin: fundador da milícia Wagner, conhecido como «*chef* de Putin» pelo trabalho na área da restauração. Morreu na explosão do seu avião em 2023, dois meses depois de ter feito uma tentativa de rebelião contra o Kremlin. © УлПравда ТВ



Yevgeny Primakov: primeiro-ministro de Boris Ieltsin entre 1998 e 1999. © Leo Medvedev/Лев Леонидович Медведев



Yuri Kovalchuk: dono do Bank Rossyia e diretor de várias empresas de *media*. Amigo e confidente de Putin, que conheceu na década de 90 em São Petersburgo. © DR



Yuri Skuratov: procurador-geral de 1995 a 1999. Acabou afastado depois de ser divulgada uma casete de vídeo onde alegadamente mantinha relações sexuais com prostitutas. © RIA Novosti archive, image #21953 / Boris Babanov / CC-BY-SA 3.0

PRÓLOGO

O INÍCIO DA OPERAÇÃO ESPECIAL

Já é de noite quando um carro branco, um *Zhiguli* de matrícula russa, pára ao pé do número 14 da Rua Novosyolov. Dois homens saem do carro. Abrem o porta-bagagem e retiram um saco pesado, também branco, que transportam a custo para a cave do prédio. Os vizinhos, alertados pelo ruído, abrem as cortinas.

Estamos a 22 de setembro de 1999 e a Rússia está em estado de alerta. Nas últimas semanas, várias explosões em edifícios de diferentes cidades mataram mais de 300 pessoas. A primeira foi há menos de um mês, no centro comercial que fica por baixo da Praça Manezh, em Moscovo. Três dias depois, uma carrinha explodiu perto de uns apartamentos onde viviam soldados e as suas famílias em Buynaksk. Cinco dias mais tarde, nova explosão: desta vez num prédio residencial da Rua Guryanov, em Moscovo.

O jornalista Sergei Kanayev foi um dos primeiros a chegar à Rua Guryanov e recordou o cenário de caos: «A poeira ainda não tinha assentado. Ouvíamos gritos e gemidos, havia chamas a vir dos tubos de gás», afirmaria numa entrevista. «Corremos para um homem que estava vestido apenas com a sua roupa interior e que gritava pela mulher e pela neta – elas viviam no primeiro andar e,

quando a parede ruiu, ficaram debaixo de um guarda-roupa em chamas. Conseguimos ouvir a menina a chorar durante algum tempo. Mas, a certa altura, deixou de fazer barulho.»

O rescaldo dessa explosão ainda não estava concluído quando, quatro dias mais tarde, se registaria outra num apartamento residencial da capital russa. O número de mortes foi o maior até à altura: 119. Três dias depois, mais uma carrinha com uma bomba explodia ao pé de prédios, desta vez na cidade de Volgodonsk.

No meio desta vaga de terrorismo – que já havia provocado mais de 300 mortes e deixado 1500 pessoas feridas –, dois homens a descarregarem sacos de um porta-bagagem, naquela noite de 22 de setembro, parecem suspeitos. Ao espreitar pela janela, os moradores do bloco de apartamentos na cidade de Ryazan veem-nos a transportar mais sacos para a cave. Quando terminam, fecham o porta-bagagem, entram no carro e partem apressadamente. Preocupados, alguns dos residentes telefonam para a polícia.

Quando os agentes chegam e descem à cave encontram três sacos, de 50 quilos cada um, cheios de uma substância granulada branca. Há também um detonador e um relógio em contagem decrescente com uma hora programada: cinco e meia da manhã.

O prédio é rapidamente evacuado e é chamada a equipa de explosivos para que se impeça o desastre iminente. Ao mesmo tempo, nas estradas nos arredores de Ryazan, começa a caça ao *Zhiguli* branco. Não demorará muito a ser encontrado: menos de 24 horas depois, os dois homens são apanhados. Mas, quando baixam o vidro da janela para mostrar os documentos, aquilo que entregam deixa os polícias surpreendidos. Na mão do agente que os aborda estão agora dois distintivos, onde se vê claramente uma sigla reconhecida por todos os russos – FSB.

O Serviço de Segurança Federal (FSB na sigla original) é o herdeiro do antigo KGB. O que estavam dois agentes da polícia secreta a fazer naquela cidade de Ryazan, transportando o que

pareciam ser explosivos para a cave de um prédio, é uma pergunta que ainda hoje não tem uma resposta definitiva. Mas as hipóteses levantadas ilustram o elevado nível de entrosamento entre agentes secretos e o poder político na Rússia, já evidente naquele ano de 1999. Desde então, só viria a aumentar.

Chamam-lhes *siloviki*. O nome em russo significa literalmente «homens fortes» e passou a representar as figuras do aparelho de Estado que têm autorização para recorrer à força: polícias, militares e, sobretudo, espiões. De acordo com um estudo de Maria Snegovaya, pouco antes do fim da União Soviética, em 1988, os *siloviki* ocupavam menos de 5% dos principais cargos de liderança do país; vinte anos depois, mais de 30% desses lugares estavam já preenchidos por homens com este perfil, a larga maioria vindos do FSB.

O denominador comum ao longo deste período é um político chamado Vladimir Putin. Quando se deu o incidente em Ryazan, ele já exercia o cargo de primeiro-ministro da Federação Russa. Até então, tinha responsabilizado os separatistas da região da Chechênia pelas explosões das últimas semanas. Desta vez, a história seria diferente.

Depois de serem apanhados numa estrada nos arredores da cidade, os dois agentes do FSB são detidos. Acabam, porém, por serem rapidamente libertados, após uma chamada direta da sede. Mas essa informação não é logo tornada pública. Oficialmente, as autoridades dizem que foi um atentado terrorista que acabou por ser abortado. E foi essa a versão que vingou durante praticamente 48 horas.

Até que o diretor dos serviços secretos, Nikolai Patrushev, fala a um canal de televisão e apresenta uma versão totalmente nova. «Isto não foi uma bomba», garante. «Este exercício pode não ter sido bem executado, mas era só um teste. O dito explosivo eram apenas sacos de açúcar.» A versão oficial é de que tudo

não passaria de um simulacro para testar a vigilância dos russos. Mas as explicações de Patrushev não convencem. As suspeitas de que os serviços secretos russos podem, afinal, ser responsáveis por todos os atentados surgem de imediato.

A 13 de setembro, quando o incidente em Ryazan ainda nem tinha acontecido, um tabloide publicara um artigo polémico. Sob o título «Andou o Kremlin a fazer bombas?», o texto citava uma fonte das secretas que responsabiliza o FSB pelos ataques. Depois de Ryazan, as suspeitas crescem ainda mais.

Vladimir Milov, que trabalhava nessa altura para o Estado na área da energia, contou-me numa entrevista a partir da Lituânia, onde vive agora, como até dentro do Kremlin se falava abertamente sobre essa possibilidade. «Sabe qual é a grande diferença da perceção pública deste incidente agora e na altura? É que nós adivinhámos», afirmou. «Discutíamos isso dentro do governo, nos nossos locais de trabalho. “Quem anda a fazer explodir os nossos apartamentos: são os chechenos ou o FSB?”.»

À medida que o tempo passa depois de Ryazan, a teoria da conspiração adensa-se. Um advogado que investiga a possível ligação do FSB aos atentados, Mikhail Trepashkin, é condenado a quatro anos de prisão por posse ilegal de arma e divulgação de segredos de Estado. A sua detenção acontece uma semana antes de prestar declarações na comissão de inquérito parlamentar que decorre a propósito das explosões.

Dois deputados dessa mesma comissão morrem também em circunstâncias estranhas: em 2003, Sergei Yusehnikov é atingido a tiro na rua, em Moscovo; dois anos depois, Otto Latsis morre num acidente, quando um jipe abalroa o seu carro. Desde então, os trabalhos da comissão parlamentar ficaram parados. E a teoria da conspiração foi fazendo o seu caminho.

Muitos especialistas no funcionamento dos serviços secretos duvidam, contudo, que o FSB tivesse intenção de fazer explodir

aquele prédio em Ryazan. Para compreender melhor esse possível envolvimento, falei com o jornalista Andrei Soldatov, que investigou a fundo o tema e que admite que o FSB parecia ter algo a esconder. Contudo, este russo que passou a vida a estudar as secretas do país afirma que tudo indica que o incidente em Ryazan foi exatamente como disse Patrushev, o diretor do organismo. «Aquilo foi muito estúpido da parte do FSB. Mas, na altura, falei com as forças especiais que fizeram aqueles exercícios em Ryazan. Às vezes estas pessoas são realmente estúpidas. Às vezes são mesmo, mesmo estúpidas», resume.

Não é o único. Um dos antigos chefes da norte-americana CIA em Moscovo, Rolf Mowatt-Larssen, disse-me que, até ver provas em contrário, continua a não acreditar na ideia de os atentados serem responsabilidade do Estado russo: «Não a excluo de todo, porque já li coisas que me fizeram duvidar, mas nunca o afirmaria taxativamente. Temos de ter muito cuidado com teorias da conspiração que não podemos provar.»

O que não significa, contudo, que o FSB não tenha qualquer relação com o que aconteceu. «Às vezes não tem de se fazer tudo. Aproveita-se simplesmente a oportunidade e deixa-se as coisas correrem», nota Andrei Soldatov. O jornalista, que passou anos a investigar o funcionamento dos *siloviki*, não fecha a porta a uma terceira hipótese: a de que os atentados tenham sido executados por separatistas chechenos, mas não tenham sido impedidos pelos serviços secretos russos, apesar de estes estarem a par do que iria acontecer. «Isso nunca foi investigado a sério», acrescenta Soldatov.

Até hoje, desconhecemos quem colocou os explosivos naqueles prédios ao longo do mês de setembro de 1999. Sabemos, contudo, que muitos russos acham que pode ter sido o próprio Estado – 40%, segundo uma sondagem da altura. Há quem diga que as explosões foram levadas a cabo pelo Presidente Boris Ieltsin para

ter um melhor resultado eleitoral. Há quem levante a possibilidade de o FSB ter feito o «exercício» de Ryazan para tentar restaurar a sua imagem. Há quem fale em incompetência. Seja qual for a hipótese levantada, todas ilustram o grau de desconfiança profunda dos russos nas suas instituições.

Retrospectivamente, há também quem aponte o dedo a um homem que todos conhecemos: Vladimir Putin. A vaga de explosões serviria de justificação ao primeiro-ministro Putin para lançar uma segunda guerra na Chechénia. O conflito faria disparar a sua popularidade e consolidar a sua influência junto de Ieltsin, que lhe passaria o poder pouco depois. Teria sido ele a engendrar uma vaga de ataques terroristas para impulsionar a sua ascensão política?

É possível, mas improvável. Talvez nunca venhamos a conhecer os detalhes de Ryazan e dos ataques que o precederam, mas não precisávamos de Ryazan para saber que a ligação de Putin aos serviços secretos é profunda.

Antigo agente do KGB, Vladimir Vladimirovich Putin é um produto do meio onde estudou e trabalhou. Isso mesmo notou logo a jornalista Natalia Gevorkyan, quando lhe encomendaram uma biografia do homem pouco antes de ele chegar à presidência – *First Person*, a obra onde há mais declarações do próprio Putin do que em qualquer outro momento ao longo de mais vinte anos no poder. «Passei cinco anos a escrever sobre o KGB. Ele não era melhor ou pior do que os outros. Era mais esperto do que alguns e mais astuto do que outros», diria a jornalista sobre a sua primeira impressão de Putin.

Na mesma altura em que dava entrevistas aos biógrafos oficiais, o antigo major do KGB ia preparando a sua chegada ao poder. Em dezembro de 1999 – três meses depois de Ryazan e a poucos dias de ser anunciado como substituto de Ieltsin –, participou numa cerimónia para restaurar uma placa em memória de

Yuri Andropov, antigo secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética que é mais conhecido pelos seus 15 anos de terror na liderança do KGB.

Andropov ocupa um lugar central na ideologia de alguns dos agentes secretos russos: «Seja para os agentes seniores, seja para os novos funcionários, Andropov é um verdadeiro estadista e representante da elite estratégica do país, que colocou os interesses nacionais acima de tudo.» A frase não foi dita por um antigo dirigente do KGB, durante a vigência da União Soviética; foi escrita nos últimos anos por Nikolai Patrushev, o homem que era diretor do FSB aquando do incidente em Ryazan. E ilustra o pensamento de alguns dos *siloviki*, para quem a repressão soviética não é uma mancha do passado, mas antes um modelo a seguir no presente.

Um modelo onde os agentes de segurança ocupam um lugar de destaque no aparelho do Estado, como o próprio Patrushev descreveria um ano depois de Putin chegar à presidência. Na cerimónia do aniversário da Cheka, a polícia política precursora do KGB, Patrushev dirigiu-se assim aos veteranos ali presentes: «Quando condecoro alguém, escrutino o seu rosto. Temos os intelectuais analistas, os homens espadaúdos das forças especiais, os taciturnos especialistas em explosivos, os rigorosos investigadores e os discretos operacionais de contraespionagem. Todos parecem diferentes, mas todos têm uma característica especial a uni-los – e é uma qualidade muito importante: o seu sentido de serviço. Eles são, digamos assim, a nossa nova nobreza.»

Patrushev vê-se como o líder desta «nova nobreza», os *siloviki* que influenciam o líder e dirigem o país. De tal forma que, quando deixou os serviços secretos, Patrushev passou a ocupar o cargo de líder do Conselho de Segurança Nacional, o órgão de aconselhamento mais importante da presidência. O homem que lhe sucedeu no FSB é o seu *protégée* Alexander Bortnikov, que cultiva exatamente o mesmo pensamento.

Há quem diga que Patrushev instrumentaliza Putin, que o comanda como uma marioneta. Mas o antigo ministro Vladimir Milov acha que não; em vez disso, os dois homens e Bortnikov formam aquilo a que chama «as três cabeças do dragão». Três figuras com a mesma visão do mundo, os mesmos interesses e a mesma forma de funcionar, aprendidos na escola do KGB. «Imagino-os todas as noites reunidos, a beber um conhaque e a felicitarem-se mutuamente por serem os mestres do universo. Eles gerem juntos este país», sentenciou durante a nossa conversa.

Esta geração de *siloviki* chegou ao poder com Putin. Um homem que, apesar das poucas palavras em público, nunca escondeu as suas origens na polícia secreta. «Para mim, regressar aos órgãos da segurança do Estado é regressar a casa», havia dito quando foi nomeado diretor do FSB.

Nove meses depois de ser eleito Presidente, Vladimir Putin organizou um jantar-*buffet* para um grupo de veteranos do KGB. À luz dos grandes lustres do palácio presidencial, o antigo major celebrou o sucesso de um plano, disfarçado em tom de piada: «Quero reportar que o grupo de colegas do FSB a quem foi incumbida a missão de trabalhar de forma clandestina no governo cumpriu o primeiro estágio da sua missão. A operação especial para assumir o controlo dos degraus mais altos do poder foi bem-sucedida.»

Para este espião no Kremlin, a chegada ao poder foi uma operação especial. Não seria a última.